

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

UM NOVO OLHAR: a catalogação da informação artística na contemporaneidade

Daniela de Oliveira Correia¹

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

RESUMO

Aborda as formas de tratamento da informação artística, sendo as selecionadas neste estudo: os documentos musicais impressos – que será denominado preferencialmente por partituras, e a chamada arte conceitual e arte contemporânea, no que tange, especialmente, a catalogação empregada nessas tipologias específicas de informação. A pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa, delimitou-se como exploratório-descritiva e utilizou-se do levantamento bibliográfico em seu desenvolvimento. O percurso a ser seguido irá transitar em elementos que explicitem a importância da catalogação no tratamento informacional, em um âmbito mais amplo, apresentar as particularidades das partituras e em apresentações e reflexões sobre como os serviços de informações, particularmente museus, arquivos e bibliotecas, tratam a informação artística, selecionadas para as análises desse estudo, bem como as transformações necessárias nos modelos tradicionais de catalogação para contemplar o tratamento informacional artístico, de modo a atender suas especificidades e as demandas de seus usuários.

Palavras-chave: Catalogação artística. Catalogação contemporânea. Partituras musicais. Arte conceitual. Arte contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

Organizar, tratar, recuperar e disseminar informação e conhecimento se apresentam como as principais atividades da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, tendo como objetivo atender às necessidades e demandas de usuários em distintas realidades. Nesse contexto, a catalogação se desenvolve como uma das principais funções nessas áreas do saber. A catalogação é o processo pelo qual os bibliotecários criam registros para representar um item, ou conjunto de informações,

¹ Daniela de Oliveira Correia, graduada na Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação-FaBCI, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP. Mestranda em Ciência da Informação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP. E-mail: dannyoliver3@usp.br

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

tornando-o único num determinado acervo, em vistas de sua recuperação e acesso de forma objetiva e simples.

A inovação nessa área vem dos avanços tecnológicos atrelados ao controle informacional e a automação dos sistemas, que revolucionaram as práticas clássicas em decorrência da Sociedade da Informação e do Conhecimento permeadas pela Internet.

Por excelência o profissional da informação vem se adequando às novas formas de representação e organização da informação e aos diferentes suportes e ambientes em que a mesma se apresenta, visto todo o trabalho em torno das novas tecnologias e da informação nos ambientes digitais, ou seja, a busca por englobar a informação e disseminá-la qualquer que seja seu estado, é um desafio constante do bibliotecário e que deve tê-lo como objetivo.

Com relação à catalogação, os instrumentos e os profissionais precisaram acompanhar essas mudanças afinal, não só o sistema passou do analógico para o digital como principalmente os usuários que têm outros modos de comportamento e expectativas diante do acesso remoto imediato, não se contentam mais com uma busca em um catálogo que não remeta a uma informação na íntegra ao invés de apenas sua descrição e localização.

Essa evolução por qual a catalogação de um modo geral vem atravessando no decorrer dos anos, conta com vários grupos de órgãos e entidades internacionais, que se dedicam a estudar e elaborar instrumentos que possam servir como guias para subsidiar o trabalho dos catalogadores, tendo como princípio as tecnologias diversas com foco principal nas demandas dos usuários.

Neste contexto, o presente estudo objetiva apresentar reflexões sobre os rumos pelos quais a catalogação contemporânea transita ou se encaminha, tomando por base o tratamento da informação artística, tendo selecionado os documentos musicais impressos – denominados aqui preferencialmente por partituras, e a chamada arte conceitual e arte contemporânea, analisando como as principais instituições que subsidiam esses documentos em seus acervos - museus, arquivos e bibliotecas, têm se adequado frente às transformações incipientes as formas de apresentação, guarda, exibição e apreciação dessas tipologias de arte.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

2 POR QUE CATALOGAR?

Compreender a história da catalogação, mesmo que de forma breve, dá suporte ao trabalho de pesquisa em questão, pois é a base para as análises posteriores.

A forma que os bibliotecários encontraram para atender as necessidades informacionais de seus usuários, sem que estes tenham que procurar exaustivamente em cada item do acervo, é elaborando representações para esses itens tornando a busca mais simples (MEY, 1995, p. 1). É neste contexto que a catalogação se faz presente como principal instrumento de representação dos itens em um acervo para sua guarda, busca, recuperação e acesso.

Pode-se afirmar sobre catalogação como sendo:

O estudo, preparação e organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais ou ciberespaciais, existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir a interseção entre as mensagens contidas nestes registros do conhecimento e as mensagens internas dos usuários (MEY; SILVEIRA, 2009, p.7).

A catalogação é o processo que os profissionais da informação utilizam para representar um item, ou conjunto de informações, ao fazer uma descrição dos dados relacionados aos recursos bibliográficos, que geram uma representação única deste item, para que assim não exista duplicidade para o usuário na hora de localizá-lo, facilitando à procura e o processo de recuperação e acesso da informação de forma objetiva e simples.

Neste cenário, de acordo com Silva (2006):

Em suma, ao elaborar a representação de um objeto, descrever seu conteúdo e torná-lo recuperável com visto ao uso, se constrói um meio de comunicação. Comunicação pela qual o usuário é informado sobre os materiais disponíveis na biblioteca, e pode manifestar o seu desejo de obtê-los.

Desse modo, um sistema de informação deve compreender a mediação da comunicação entre as demandas informacionais dos usuários e os documentos existentes no acervo. É nesse processo de comunicação que se estabelece a importância do trabalho desenvolvido pelo bibliotecário, em especial o catalogador, ao

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

possibilitar com ele a disseminação das informações independentemente de seu suporte e da tecnologia que será utilizada (analógica, automatizada ou na web).

Com isso, torna-se evidente que o profissional da informação tem o papel de selecionar e decidir quais as informações necessárias para representar a informação, de modo a abranger sua recuperação, sendo esse processo embasado em decisões que tenham os objetivos do sistema de informação e o conhecimento de seus usuários como principais fatores em sua construção organizacional.

Para Caldas (2007, p. 18) a catalogação deve ser vista como “representação do item, não se tratando apenas de um trabalho mecânico”, o que demonstra a habilidade necessária pelo catalogador para desenvolver essa atividade. O que já foi visto como apenas um trabalho técnico, vem ampliando seu alcance por se fazer necessária uma especificação e detalhamento e, conseqüentemente, um conhecimento do item/recurso descrito.

A catalogação não é algo novo, historicamente pode-se perceber essa preocupação com a organização dos documentos pela humanidade, desde tempos remotos, como no caso de Calímaco com seu catálogo na Biblioteca de Alexandria, mas sua importância só é realmente evidenciada quando, no século XIX têm-se as primeiras regras de catalogação publicadas, por Panizzi, em 1839 e Cutter, em 1876, que acabam por coincidir com a criação da *American Library Association (ALA)*, que culminam no século XX em vários eventos internacionais com essa temática que ditariam os rumos da catalogação conforme é conhecida e utilizada até os dias de hoje.

Todas as discussões em torno dessa temática tiveram como consequência, respectivamente em cada período da história conforme marcos assinalados no excerto anterior, a elaboração de diversos códigos para a representação das informações de itens com suportes e tipologias diversos, instrumentos que foram, desde então, tomados pelos serviços de informação para subsidiar a organização de seus acervos.

Verifica-se assim, que a prática da catalogação necessita de normas e instrumentos específicos para o tratamento da informação e a padronização dos itens

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

nos sistemas. Neste contexto, assim como citado, se desenvolveram os códigos de catalogação com início nas regras de Trefler em 1560, e segundo os quais, de acordo com Strout (1956), os códigos foram os meios que o progresso se manifestava, já eram criados sempre com uma visão mais avançada do que a contemporânea, ao que Mey traz a seguinte reflexão: “é discutível um progresso advindo de regras e não o contrário. Mas este fato justifica os inúmeros debates sempre que se publica um novo código” (MEY, 1987).

Ao considerar-se que a representação descritiva no panorama atual vem sofrendo mudanças notórias de modelos de descrição bibliográfica convencionais, permeadas pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs), o uso do catálogo automatizado considera-se na importância de facilitar o intercâmbio: favorece para que a disseminação da informação seja em maior alcance e viabiliza a consulta dos itens do acervo de forma remota.

No cenário exposto neste tópico, buscou-se demonstrar como a catalogação se faz necessária e tem sua importância em meio aos serviços de informação ainda na atualidade, como é o caso dos museus, arquivos e bibliotecas. Não se aprofundou nos instrumentos de catalogação mais utilizados em cada instituição respectivamente, por este não ser um dos objetivos do estudo, e sim apresentar o processo como uma prática importante com relação a descrição dos documentos com vistas de sua recuperação, acesso e disseminação ao público em geral que busca por ter suas necessidades informacionais atendidas.

Julga-se importante salientar que, apesar da catalogação ser uma prática antiga, há muito que se evoluir em seus processos e aplicabilidade em vários quesitos, como citado anteriormente, a evolução necessária por conta da tecnologia e acrescesse aqui os suportes diversos em que as informações se encontram e são criadas, bem como as novas formas de visualização e consumo dessas informações por esse usuário que está em constante mutação, assim como a sociedade de um modo geral, o que vai se refletir no decorrer do presente estudo.

Dito isso, em conseqüente tem-se uma breve exposição sobre as partituras, para sua compreensão de forma ampla e inserção como informação artística e

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

posterior reflexão sobre como as instituições procedem o tratamento das informações de artes tão especializadas dentro de suas particularidades como também as adequações necessárias com relação à catalogação desses itens documentais.

3 ESPECIFICIDADES DAS PARTITURAS

“[...] Ora, parecia-me que a música era uma bela muda com olhos cheios de sentido” (SARTRE, s/d, p. 27).

A Música, em sua essência, sempre foi um artigo consumido e apreciado por parcelas distintas de pessoas. Desde a Antiguidade e até antes, têm-se registros das formas mais diversas de manifestações e gêneros musicais sendo executados em apresentações nos grandes palácios, rituais religiosos ou festas populares, o que demonstra a possibilidade de uma manifestação cultural de uma arte democrática.

É classificada como um privilégio dos homens, por exemplo, por qualificar como canto o grito dos pássaros, ou ainda chamar de melodias o ruído de fontes ou dos ventos, ou seja, o que é denominado de “som musical” é uma atribuição humana (CANDÉ, 2001, p. 44).

Ir-se-á apresentar alguns elementos que propiciam um panorama sobre o histórico da Música Ocidental por meio de sua representação física, ou seja, através da notação musical, as partituras.

A notação musical, segundo o Dicionário Grove de Música, é definida como “um equivalente visual do som musical que se pretende, um registro do som ouvido ou imaginado ou um conjunto de instruções visuais para intérpretes” (DICIONÁRIO..., 1994, p. 656), ou seja, um sistema de escrita com símbolos e regras, as notas e demais elementos musicais, a serem interpretados e executados. É o registro da música através de um código que o compositor utiliza para ser codificado pelo intérprete, no caso, o músico. Conforme a definição de notação musical descrita anteriormente, se considera as partituras como o documento em que a notação é inscrita, ou seja, é o suporte constituído por diversos símbolos que unidos e codificados, formam a notação musical. A seguir, têm-se a definição e diferenciação do conceito de partitura e parte e a apresentação dos principais símbolos e termos da linguagem musical que são essenciais para a leitura de uma partitura pelo ponto de vista do tratamento da informação, em particular, da representação descritiva.

3.1 Tipos de Partituras e linguagem musical

Segundo o Dicionário Grove (1994, p. 702), Partitura é definida como:

Forma de música escrita ou impressa em que pentagramas são normalmente ligados por barras de compasso alinhadas na vertical, de maneira a representar visualmente a coordenação musical. O termo, de origem italiana (*partire* significa “dividir”), alude à distribuição das diversas partes vocais e/ou instrumentais em diversos pentagramas (ou pautas) (DICIONÁRIO..., 1994, p. 702).

Segundo este conceito de partitura, em um entendimento específico, esta vem a ser o documento que reúne todos os instrumentos/vozes que compõem uma determinada obra.

Desse modo, segue-se o conceito de Parte como sendo: “o volume que contém somente a linha de um instrumento, mas esse instrumento é parte de um grupo onde vários outros instrumentos deverão executar juntos, cada um a sua parte, para que a somatória destes seja o resultado musical pretendido pelo compositor (MATOS, 2007, p. 23).

Com relação aos tipos de partituras, além dessa principal distinção já mencionada (entre partitura e parte), têm-se alguns formatos que são importantes ter conhecimento como: Partitura ou Grade; Parte, Parte de execução ou Parte cavada; Partitura de regência; Partitura de bolso, Miniatura ou Partitura de estudo; Partitura condensada; Partitura de coro; Partitura completa; Redução; Redução para piano ou Partitura de canto e piano; Orquestração e Partitura vocal.

De um modo geral, mesmo com a diferenciação existente entre os tipos de partituras, os documentos musicais são todos chamados de partituras e, quando se faz necessário, é nomeada sua tipologia. Para o entendimento dos principais elementos que compõem as partituras, seguem, na figura 1, algumas indicações na parte de primeiro violino da Toada, segundo movimento da Suíte Sinfônica Minas Gerais, do compositor Silvio Baccarelli, com os elementos constituintes das partituras em destaque:

Figura 1 - Principiais elementos musicais indicados na parte

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - "Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas".

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

Suíte Sinfônica "Minas Gerais"
II - Toada

Violino I ← 2 3 → Silvio Baccarelli 1957

4 → Calmo e expressivo ♩ = 72 → 5

7 → 8

114

10 ↓ 11

122

rall. (A) a tempo

p ← 13

129 ← 12

14

f ← 16

136

15

17 → (B) Poco piu mosso ♩ = 100 → 18

allargando molto

19 ↓ 20 ↓ 21

142

22

23

24 → 25

26

157

27 rit.

28 → animando poco a poco

29 →

dim.

30

LEGENDA

1 Título	11 Barra de Compasso	21 Barra Dupla
2 Instrumento (parte)	12 Número de Compasso	22 Sustenido
3 Compositor	13 Dinâmica (piano)	23 Bequadro
4 Andamento	14 Apogiatura	24 Dinâmica Crescendo
5 Tempo de Andamento	15 Dobrado Sustenido	25 Dinâmica decrescendo
6 Ano da Composição	16 Dinamica (forte)	26 Pausa de Colcheia
7 Clave (Sol)	17 Marca de Ensaio	27 Bemol
8 Fórmula de Compasso	18 Andamento	28 Andamento
9 Ligadura	19 Pausa de Semicolcheia	29 Fermata
10 Pausa de Semínima	20 pausa de Semibreve	30 Barra de Finalização

Fonte: Elaborado pela autora com base na parte do Acervo Musical do Instituto Baccarelli.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

A apresentação dos elementos na figura 1 objetivou, como mencionado, indicar os principais componentes de uma partitura para conhecimento por parte dos profissionais responsáveis pelo tratamento por alguns, em especial, fazerem fundamentalmente parte da representação descritiva, objeto desse estudo.

Julga-se importante citar que a escolha pela partitura apresentada (que compõe todas as exemplificações do estudo), se deu de forma assertiva por o compositor e maestro Silvio Baccarelli representar para a autora sua inserção na música, e após o presente que o estimado lhe proporcionou ao apresentar a música há 22 anos, culminou em sua escolha futura pela Biblioteconomia e a elaboração desta pesquisa, além da admiração genuína pelo grande músico e compositor que representa.

Os instrumentos musicais são divididos de acordo com suas famílias, que em suma dizem respeito à forma que são tocados e sua construção. São eles: **Cordas**: Violino, Viola, Violoncelo, Contrabaixo e Harpa; **Sopros de Madeira**: Flauta, Piccolo, Oboé, Corne Inglês, Clarinete, Reuinta, Clarone, Fagote e Contrafagote; **Sopros de Metais**: Trompa, Trompete, Trombone e Tuba; **Percussão**: Tímpanos, Caixa, Bombo, Pratos, Triângulo, Xilofone, Marimba, etc.; **Teclados**: Piano, Órgão, Cravo.

Existem muitos outros, mas ateve-se aqui aos principais que constituem uma orquestra sinfônica, sendo os mais utilizados com relação ao que se refere à descrição das orquestrações (que podem conter tanto instrumentos como vozes e coros), que as obras musicais possuem no campo denominado “Meio de Expressão”. Este campo é de grande importância para a representação de partituras por ser uma de suas principais formas de busca e caracterização.

É sabido que um estudo com maior grau de especificação se faz necessário, mas considera-se a explanação apresentada como basilar para o processo em questão e com vistas a um conhecimento amplo.

Identificar as partituras como uma informação artística foi um dos principais objetivos dessa explanação introdutória, para que no tópico posterior as reflexões sobre o tratamento da informação artística, em que será englobada concomitantemente com as artes conceitual e contemporânea, possa se desenvolver.

A escolha dessas expressões artísticas, se deu por conta da autora desse estudo estar em curso com sua dissertação, com a temática de catalogação de partituras e vislumbrar ser possível as reflexões que se seguem, em que serão

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

tomados dois textos basilares das autoras Cristina Freire e Priscila Arantes, sobre arte conceitual e arte contemporânea, respectivamente, que trazem aspectos concernentes à catalogação dessas tipologias no âmbito de museus e arquivos, em especial, validando essa conjunção.

4 REFLEXÕES SOBRE O TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO ARTÍSTICA: as partituras, a arte conceitual e a arte contemporânea

“Conta a lenda que um entrevistador irado, gritando, perguntou a Joseph Beuys: Você fala de tudo sob o sol, exceto de arte! ao que ele respondeu: Mas tudo sob o sol é arte” (FREIRE, 1999, p. 59).

Como mencionado no final do tópico anterior, este capítulo objetiva versar sobre o tratamento da informação artística, sendo as tipologias selecionadas as partituras e as artes conceitual e contemporânea, de acordo com estudos que contemplaram as formas que as instituições acolhedoras desses documentos, particularmente museus e arquivos, fazem a análise, guarda, catalogação e disponibilização dessas informações tão específicas.

Antes de seguir com as análises e percepções sobre as informações artísticas selecionadas, apresenta-se uma breve introdução sobre o que vem a ser arte conceitual e arte contemporânea.

Segundo Aidar (2019), “a Arte Conceitual é uma vanguarda artística moderna e contemporânea que surgiu nos anos 60 e 70 na Europa e nos Estados Unidos”, trata-se de uma arte que baseia suas expressões nos conceitos (como o nome já indica), em reflexões e ideias que o artista/expectador atribui à obra.

Não tem uma relação voltada para a estética, como a maioria de expressões artísticas que se conhece e são mais comuns de observar-se em exposições de museus e galerias, mas sua importância está fixada no que a autora traz como “a atitude mental é o mais relevante” (AIDAR, 2019).

Ainda de acordo com Aidar (2019):

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

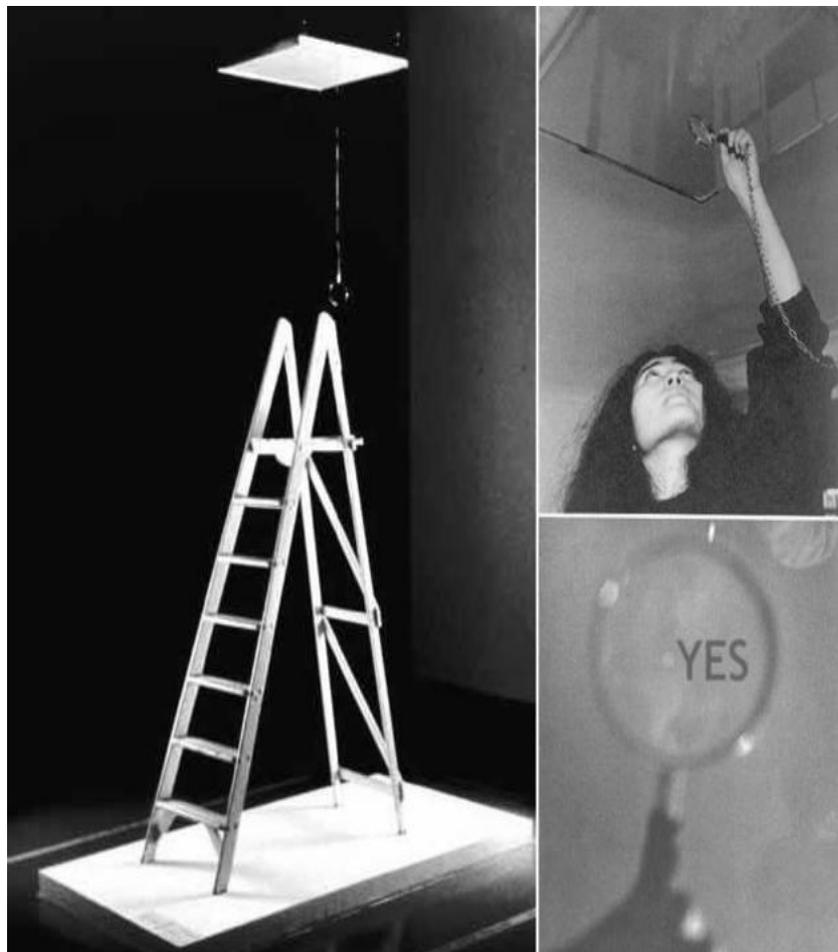
De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

Em outras palavras, a arte conceitual é uma “arte-ideia” em detrimento da “arte-visual”, sendo o principal material da arte a “linguagem”. [...] Diante disso, os artistas conceituais preocupam-se em criar reflexões visuais para seus espectadores. [...] Sobre a arte conceitual, afirma o escultor estadunidense Sol LeWitt (1928-2007): A própria ideia, mesmo se não é tornada visual, é uma obra de arte tanto quanto qualquer produto.

Para exemplificar, de forma visual, o que se considera como arte conceitual, seguem algumas imagens:

Figura 2 - Obra *Ceiling Painting*, de Yoko Ono²



Fonte: Site Toda Matéria.

Figura 3 - Obras de Marcel Duchamp³

² Obra *Ceiling Painting*, de Yoko Ono - do Grupo Fluxus, exposta em 1966 em Londres (Inglaterra).

³ À esquerda Marcel Duchamp com a obra *Roda de Bicicleta* (1913). À direita, a obra *Fonte* (1917).

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.



Fonte: Site Toda Matéria.

Figura 4 - O artista recifense Paulo Bruscky em performance conceitual de 1978



Fonte: Site Toda Matéria.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

A autora traz como principais características da arte conceitual: Crítica ao formalismo e ao mercado da arte; Crítica ao materialismo e ao consumo; Oposição ao hermetismo da arte minimalista; Popularização da arte como veículo de comunicação; Arte mental e reflexiva; Radicalismo e culto à antiarte; Ruptura com a arte clássica e formal e uso de fotografias, textos, vídeos, instalações, performances (teatro, dança) (AIDAR, 2019).

Após apresentado a designação de Arte Conceitual, segue-se com a conceituação de Arte Contemporânea, a outra informação artística selecionada para as reflexões em torno da catalogação empregada nessas tipologias específicas de arte.

Considera-se a Arte Contemporânea, ou Arte Pós-Moderna, uma tendência artística que teve sua origem por volta da segunda metade do século XX, e não na década de 60, como é por vezes atribuído. Esta expressão artística continua a ser desenvolvida atualmente com base em técnicas inovadoras e originais (AIDAR, 2020).

De acordo com a autora:

Nesse panorama, a arte oferece experiências inovadoras pautadas principalmente nos processos artísticos, em detrimento do objeto, ou seja, na ideia em detrimento da imagem. [...] Nesse sentido, a arte contemporânea prioriza a ideia, o conceito, a atitude, acima do objeto artístico final. O objetivo aqui é produzir arte, ao mesmo tempo que reflete sobre ela (AIDAR, 2020).

A arte contemporânea se desenvolveu com inovações e transformações que a distanciou da Arte Moderna com novos e diversos paradigmas que constituíram uma mentalidade nova (AIDAR, 2020).

A autora apresenta como “Movimentos Artísticos Contemporâneos”, com novas linguagens em rompimento claro com a Arte Moderna com o intuito primordial de embasamento na comunicação, os seguintes: Pop Art; Minimalismo; Arte Povera; Hiper-realismo; Land Art; Street Art (Arte Urbana); Body Art; Performance na Arte; Instalação artística e Arte Conceitual.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

Observa-se que sua essência se assemelha de maneira muito próxima com o que apresentou-se de Arte Conceitual, isto porque, como descrito anteriormente, a arte conceitual nada mais é que um movimento artístico constituinte da arte contemporânea.

Afora os exemplos de arte conceitual já apresentados, seguem imagens de alguns movimentos artísticos contemporâneos para apreciação e compreensão de sua essência:

Figura 5 - Street Art: Escadaria Selaron, Rio de Janeiro, Brasil.⁴



Fonte: Site Toda Matéria.

Figura 6 - Arte urbana quando começou a despontar nos EUA.

⁴ Obra de Jorge Selaron inaugurada em 2013.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.



Fonte: Site Toda Matéria.

Figura 7 - Body Art em que a pintura é feita sobre o corpo.



Fonte: Site Toda Matéria.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

É essencial que o profissional que lida com o tratamento da informação artística, tenha conhecimentos especializados sobre as características específicas do item a ser catalogado. Essa especialização não é inerente a grande parte dos profissionais que trabalham nos serviços de informação.

Com relação ao despreparo observado pelos bibliotecários em razão do tratamento de partituras em detrimento de outras informações especializadas, Cavalcanti traz que:

Talvez isso evidencie a falta de pesquisa musical por parte do bibliotecário, o que é intolerável, afinal, isso não ocorre, por exemplo, na área jurídica onde a especificidade da linguagem e do sistema jurídico, exige do profissional da informação o conhecimento dos processos de pesquisa e documentação legislativa, deixando sua condição de leigo para não menos do que entendedor. (CAVALCANTI, 2010, p. 10).

De acordo com este excerto, pode-se concluir que é possível ao profissional que está frente a um acervo, buscar esse conhecimento, mesmo que não seja um músico formado, mas ter um aparato basilar para o desenvolvimento de suas atividades.

Ainda segundo Gomes (2015, p. 43), é importante formular práticas que compreendam o tratamento de partituras musicais que produzam avanços da atividade de pesquisa musicológica nacional. Como os documentos são tratados e organizados, têm consequência direta na questão de sua acessibilidade sendo sua recuperação determinante para suprir as necessidades dos usuários com o acesso aos documentos que precisam para suas pesquisas.

Cavalcanti (2010, p. 17), ainda observa que o tratamento das partituras e das informações nelas contidas, não encontram na Ciência da Informação uma base de estudos aprofundada, o que é sentido no levantamento bibliográfico dessa temática.

De acordo com Faria (2009), traz ainda que:

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

Esta lacuna demonstra uma necessidade a ser suprida, particularmente no suporte às atuais pesquisas históricas no âmbito da musicologia brasileira. Semelhante constatação recai no tratamento temático aplicado à música impressa que carece de uma linguagem documentária que expresse elementos constitutivos à sua representação conceitual, urgindo a necessidade de uma base teórica comum para o tratamento de partituras mais adequado nas orquestras e centros documentais.

De acordo com Pacheco (2012, p. 2), “para que um sistema de recuperação da informação (SRI) seja de fato relevante para o usuário, o sentido dado à informação deve coincidir com o significado que lhe é dado pelo usuário”, ou seja, essa deve ser a dinâmica do processo de representação e recuperação de partituras, elaborarem todas as linhas de desenvolvimento com base nas demandas e experiências dos usuários. Dessa forma, destaca-se a importância da linguagem desenvolvida, pois segundo Barreto (2007, p. 24), “o lugar em que a informação se faz conhecimento é na consciência do receptor que precisa ter condições para aceitar a informação e a interiorizar”.

Observa-se uma mudança nessa configuração quando a partir da década de 1970 inclui-se o elemento social à Ciência da Informação (CI), que em sua fase inicial estava muito ligada à computação e à recuperação das informações de forma automática, o que levou os interesses das pesquisas a se voltarem para as necessidades dos usuários, conforme descreve Araújo (2003).

Neste contexto, pautado por autores que discutem a temática sobre o tratamento de partituras na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, são visíveis e constantes as questões relacionadas com capacitação, apropriação, mudanças de paradigmas para modelos flexíveis que acompanhem as evoluções e primordialmente o foco no usuário, no caso específico do tratamento de partituras analisado, além do foco, uma parceria com esse usuário que independe do nível de conhecimento musical do catalogador.

Muitas dessas considerações podem ser aplicadas ao tratamento das artes conceitual e contemporânea, assim como traz Freire, que logo no início de seu texto diz que sobre o tratamento da arte conceitual nos museus que: “[...] não apenas as instituições museais, mas também a linguagem tradicional se tornam inadequadas frente às proposições de arte, isso a quase meio século” (FREIRE, 1999, p. 35).

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

Ainda segundo a autora, a arte conceitual só é considerada como uma obra de arte, quando a instituição a legitima, mesmo em tempos de definições tão frágeis, é necessário que a obra seja exposta, o que certifica seu “batismo” bem como assegura sua memória através do catálogo (FREIRE, 1999, p. 35-36).

Neste contexto já se inicia um evidenciamento de como é preciso uma abertura no pensamento para se tratar essa tipologia de arte e quantos artistas devem ficar de fora dos circuitos museais tendo, assim, suas obras à margem da salvaguarda, tratamento e disseminação.

Freire desenvolve essa reflexão sobre a importância que a arte conceitual recebe nos museus, trazendo um exemplo do MAC-USP, em especial se participa de uma exposição, quando descreve: “assim foram inicialmente catalogados como obras conceituais aqueles trabalhos enviados pelos artistas com a *intenção de exibição* (nas exposições Prospectivas e Poéticas Visuais)” (FREIRE, 1999, p. 38), ou seja, de antemão a prerrogativa para ser inserido no catálogo eram obras destinadas às exposições, sendo as demais fora desse escopo, excluídas desse tratamento, como é possível constatar no excerto a seguir:

Outros trabalhos permaneceram fora da catalogação, pois, em geral, não foram identificados como pertencentes às exposições tomadas como eicos do trabalho de catalogação. O tratamento dado à coleção de livros de artistas é exemplar. Aqueles provenientes da exposição organizada pelas historiadoras e críticas de arte Annateresa Fabris e Cacilda Texeira da Costa no Centro Cultural São Paulo, em 1985, e doados ao Museu num bloco único tiveram destino incontestado: foram catalogados como obras. No entanto, outros livros de artistas, doados diretamente pelos autores ou provenientes de outras fontes fora da condição legitimadora da exposição, ficaram no limbo, não raro na biblioteca, causando grandes dúvidas às bibliotecárias quanto à classificação daqueles insólitos livros/objetos/caixas (FREIRE, 1999, p. 38).

A autora ainda enfatiza que essa situação com relação ao tratamento da arte conceitual, não se restringe a um ou outro museu, mas é generalizada em instituições similares o que demonstra, além de um preconceito e marginalização de algumas obras e o despreparo das instituições museais e nas bibliotecas que não têm uma análise crítica e encontram-se despreparados para tratar essa informação da forma devida.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

Como arte conceitual há diversas manifestações que infelizmente estão no limbo das instituições como: fotografias, xerox, livros de artistas, vídeos..., que deveriam ter um tratamento adequado para que não caíssem no esquecimento de forma deliberada (FREIRE, 1999, p. 40).

A autora relata que no decorrer da pesquisa, encontrou vários volumes de livros de artista na biblioteca do MAC-USP sem nenhuma classificação por estes não se encaixarem nas categorias usuais disponíveis.

Para o autor Daniel Buren, “o papel do museu como centro de arte equivaleria a um centro de dúvidas, onde as dúvidas dos artistas se confrontam com as dúvidas do público” (FREIRE, 1999, p. 53), pois a arte deve ser viva e em constante mutação de acordo com o olhar, ou seja, considera-se vários fatores em um dinamismo que precisa ser proporcionados pelos museus, locais de criação e criticidade.

A catalogação emerge nesse texto como uma ferramenta não somente de representação dos documentos (aqui entende-se por documento todo tipo de item artístico), mas como legitimadora que atesta a sua existência e ainda atua em sua preservação e disseminação.

Freire (1999, p. 42), enfatiza a importância da criticidade e análise no tratamento da informação da arte conceitual quando diz que: “em suma, a incorporação de trabalhos conceituais à coleção de um museu requer um exercício de reflexão que possa rever e flexibilizar os paradigmas com os quais o museu opera em seus princípios de legitimação e olvido”.

Para concluir, a autora traz que: “a catalogação deve também ser revista em face das proposições conceituais. O vocabulário clássico que define a produção artística dentro de categorias já repertoriadas, como pintura, escultura, desenho, gravura, deve ser reconsiderado” (FREIRE, 1999, p. 41).

Essa nova perspectiva de análise da informação das artes conceituais revela apenas mais um campo em que o catalogador deve abranger seus horizontes, sair do tradicionalismo, pesquisar novas ferramentas e processos para que o tratamento das informações, independente dos suportes e/ou especificidades do documento, possa

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

ser desenvolvido de modo eficaz e eficiente, acolhendo e crescendo com as inovações informacionais.

A autora Arantes traz em seu estudo, que será utilizado neste artigo, questões relacionadas a arte contemporânea e seu tratamento informacional desenvolvido nos ambientes de arquivos.

Assim como tratado anteriormente ao se expor em especial as instituições museais, o foco dessa última análise serão os arquivos, que a autora contextualiza seu papel dentro da história, por onde inicia ao descrever o que diz Gusmán:

[...] arquivos de uma história à busca de um deciframento. História que diz respeito à formação do universo, formação de culturas antigas, bem como ao percurso social e político de um país; enfim, histórias que parecem se tocar pelo desejo humano de cruzar a tênue linha do presente e entender como o passado pode ser um veículo fértil para o conhecimento de nossa história (ARANTES, 2015, p. 85-86).

Arantes apresenta de forma enfática em seu texto que as narrativas da história devem ser reescritas, que novas histórias são possíveis em detrimento do pensamento hegemônico e em qual os arquivos aparecem “como meio pelo qual o conhecimento histórico é acumulado, armazenado e recuperado” (ARANTES, 2015, p. 87; 89).

É neste cenário de releituras e transformações que a autora, e não há como deixar de fazer menção aos autores já citados nesse capítulo, demonstra como o arquivo, como instituição detentora dos documentos artísticos, é responsável por não somente guardar e preservar a história, mas possibilitar que novas histórias sejam reescritas com base no passado mas, em vistas do presente/futuro, não apenas como algo inerte e imutável mas ao contrário em uma dinâmica viva e transformadora.

Um exemplo do que foi dito é a movimentação em relação aos arquivos da ditadura do Brasil, que vêm sendo recuperados e pesquisados para que um resgate da memória e da história social do país seja possível (ARANTES, 2015, p. 89).

Tradicionalmente, os arquivos são vistos como: “um sistema ordenado de documentos e registros, tanto verbais quanto visuais, que é a base da história que está sendo escrita” (ARANTES, 2015, p. 90), ou como a autora completa, apenas um

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

depósito de documentos da história que pode vir a ser contada, o que para Foucault (2008 apud ARANTES, 2015, p. 90), “é principalmente a partir da revisão da função dos documentos e dos arquivos que a mutação dos paradigmas da história se torna possível”. Para o autor, o arquivo vem a ser muito mais que uma caixa depositária de documentos, mas um meio pelo qual novos discursos podem ser formulados nas descontinuidades da história.

Percebe-se uma reflexão em torno dos arquivos como agentes transformadores da história e por meio dos quais esta pode ser vista por novos ângulos, reescrita e recontada.

Nesse contexto a autora descreve da seguinte maneira:

Portanto, empreender a leitura crítica do arquivo e propor sua desconstrução implicam não somente articular uma nova interpretação do passado e da tradição, mas principalmente uma leitura diversa da concepção da história realizada não de forma linear, mas através de fragmentos e palimpsestos (ARANTES, 2015, p. 94).

A autora traz outros grandes autores que corroboram essa concepção dos arquivos e da história, assim como Derrida (2001) e Benjamin que trazem essas questões sobre a reescrita da história por essa não se tratar de algo imutável e enerte, mas aberta para novas histórias possíveis, novas escrituras e apresentações, não somente representações do passado.

Nessas novas abordagens de pensamentos e de considerações, o profissional da informação deve transitar igualmente de forma aberta, atento e receptivo para as novidades e maneiras de enxergar o arquivos e seus documentos.

Trazendo para o campo da arte contemporânea, com “obras colaborativas, participativas, efêmeras, midiáticas, entre outras, sinalizam para novas formas de documentar, catalogar e preservar as obras de arte” (ARANTES, 2015, p. 101), assim como vem sendo tratado em todas as tipologias artísticas apresentadas.

Ainda a respeito de como o profissional deve se comportar, a autora diz: “é importante salientar que aquele que lida com registro e arquivo em uma instituição

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

conheça não somente os dados técnicos de arquivologia ou museologia, mas que esteja em sintonia com a própria natureza conceitual da arte dentro do contexto atual”.

A forma de ação e análise dos profissionais que estão a frente do tratamento da informação nas instituições acolhedoras (biblioteca, museu e arquivo, recorte feito neste estudo), independente da tipologia documental a ser catalogada, é o fator primordial para que as informações sejam apresentadas aos usuários e tratadas de maneira adequada, algo que vem sendo enfatizado em todo o estudo.

Ainda com relação à arte contemporânea nos arquivos, Arantes (2015, p. 171), descreve:

As discussões sobre o arquivo e os registros da arte contemporânea dentro desse contexto são extremamente férteis no sentido não somente de nos questionarmos sobre quais narrativas vamos construir sobre a arte contemporânea, mas, também, nos perguntarmos pela maneira como arquivamos, catalogamos e documentamos nossas produções.

E acrescenta que:

Isso não parece mero preciosismo, mas discussão primordial no sentido de refletirmos como estamos ou não atuando no sentido de contribuir para a construção da narrativa da história da arte ou, mais propriamente, da narrativa e memória da arte brasileira dentro do campo mais geral da arte.

A arte contemporânea, assim como a arte conceitual e até mesmo como as partituras, tem formatos e manifestações diversas e que exigem um profissional da informação tão diverso e aberto a se adequar, se reinventar para atender as demandas tanto em relação ao documento como aos usuários a quem se destinam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso compreender que o trabalho de catalogação é um grande instrumento de disseminação da informação e que de maneira alguma deve ser negligenciado nem diminuído, mas que a principal ferramenta desse processo, para além dos códigos e modelos tradicionais é a postura do profissional da informação frente as transformações da contemporaneidade que devem se iniciar por quebras de

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

paradigmas e análises arcaicas em detrimento de mentes abertas e ávidas pela busca de novas construções.

O autor da obra “*Expect More*”, David Lankes, traz muitas considerações de grande relevância para o trabalho de pesquisa desenvolvido, assim como para a área biblioteconômica no geral quando diz que os bibliotecários devem guiar suas comunidades, ou seja, seu público, para uma transformação com vias a sua melhoria e só é capaz de realizar isso se buscar trabalhar de forma participativa, ouvindo e integrando essa comunidade em suas atividades.

Diz ainda que: “os bibliotecários têm habilidades em torno da tecnologia, gestão de ativos, questões culturais e engajamento para a transformação social. Eles usam estas habilidades em torno de uma missão: melhorar a sociedade facilitando a criação de conhecimento em sua comunidade” (LANKES, 2012, p. 56).

É nessa linha que o profissional da informação deve trilhar, acreditando e trabalhando por melhorias constantes para seu usuário e pela disseminação da informação com vistas ao conhecimento de forma democrática e sem preconceitos.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. Arte Conceitual. **Toda Matéria**, São Paulo, set. 2019. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/arte-conceitual/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

AIDAR, Laura. Arte Contemporânea. **Toda Matéria**, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/arte-contemporanea/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ARANTES, P. **Re/escrituras da arte contemporânea**: história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015 p. 85-100 / 168-196.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A Ciência da Informação como Ciência Social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>>. Acesso em 5 set. 2020.

BARRETO, Aldo Albuquerque. Uma história da Ciência da Informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Ciencia_da_informacao/Para_entender_a_CI.pdf>. Acesso em 5 set. 2020.

CALDAS, Sérgio Eduardo Silva de. **Elementos necessários à representação descritiva de partituras**: um estudo com as Bachianas Brasileiras n.1, 2 e 4 de

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

Heitor Villa-Lobos. 2007. 101 f. Monografia (Bacharelado em Ciência da Informação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: < <http://eprints.rclis.org/11833/>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

CANDÉ, Roland de. **História universal da música**. Tradução de Eduardo Brandão, revisão da tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 2 v.

CAVALCANTI, Hugo Carlos. **Informação, comunicação e expressão musical: conceitos básicos para indexação de partituras**. 2010. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/bibtcc/files/p/348/348.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

DICIONÁRIO Grove de música: edição concisa. Editado por Stanley Sadie. Tradução: Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 1048 p.

FARIA, Maurício Marques de. O tratamento documental dos arquivos musicais e a busca de práticas comuns no tratamento da música brasileira para orquestra. **OPUS**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 85-90, maio 2009. ISSN 15177017. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/267/247>. Acesso em: 23 ago. 2020.

FREIRE, C. **Poéticas do processo: arte conceitual no museu**. São Paulo: MAC/luminuras, 1999, p. 33-64.

GOMES, Amanda Pamela Santos. Recuperação da informação no acervo Curt Lange- UFMG: ensaio para levantamento de dados. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 29, n.1, p. 41-57, 2015. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/4958/3534>. Acesso em: 28 ago. 2020.

LANKES, David. **Expect more: demanding better libraries for today’s complex word**. 2012. Disponível em: https://davidlankes.org/?page_id=8274. Acesso em: 15 ago. 2020.

MATOS, Alexandra Linda Herbst. **Documentação musical: discussão sobre a representação temática de partituras a partir de um enfoque interdisciplinar**. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: file:///C:/Users/Junior/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/103252.pdf Acesso em: 23 nov. 2018.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Catalogação e descrição bibliográfica: contribuições a uma teoria**. Brasília, DF: ABDF, 1987.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995. 123 p.

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.

De 09 a 13 de novembro de 2020

GT13: Catalogação e metadados para o patrimônio cultural.

MEY, Eliane Serão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catalogação no plural**. Brasília: Briquet Lemos Livros, 2009.

PACHECO, Kátia Lúcia. Documentos musicais: atributos e desafios para a representação descritiva. In: Congresso Nacional de Catalogadores (ENACAT), 1., Encontro de Estudos e Pesquisas em Catalogação (EEPC), 3., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...**Rio de Janeiro: ENACAT/EEPC, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/109276898/Documentos-musicais-atributos-e-desafios-para-a-representacao-descritiva>. Acesso em: 05 set. 2020.

SILVA, José Fernando Modesto da. FRBR modelando a catalogação sem anoroxia. **Infohome**, São Paulo, dez. 2006. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=278>. Acesso em: 20 ago. 2020.

STROUT, R. F. The development of the catalog and cataloging codes. **The Library Quarterly**, Chicago, v. 26, n. 4, out./1956, p. 254-275.